



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Cidade e corporalidades dissidentes: notas antropológicas a partir de uma família LGBT da periferia de São Paulo

Autoria: Ketti Maria Cardozo da Rosa (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este pôster é um dos desdobramentos das investigações do projeto de pesquisa sobre a Família Stronger, coletivo LGBTQIA+ da periferia de São Paulo, coordenado pelo Prof. Vitor Grunvald (UFRGS), no qual participo, como pesquisadora de Iniciação Científica, pensando a relação entre a ocupação do espaço citadino e corporalidades dissidentes. Ao atentarmos para as experiências de integrantes da Família Stronger, percebemos como violência sofrida nos espaços urbanos foi fundamental para se organizarem como grupo, constituindo, portanto, importante fator em sua forma de fazer família. De fato, foi a partir de dois casos de violência brutal contra integrantes de famílias LGBTs, uma delas da Stronger, que se produziu um visibilização e ocupação do espaço público por parte desses coletivos. Ao recorrer ao material etnográfico e audiovisual produzido no âmbito do projeto mais amplo ao qual minha investigação está ligada, este pôster pretende elucidar alguns aspectos da relação entre cidade e corporalidades dissidentes, atentando para acesso diferencial ao ?direito à cidade? que alguns sujeitos marcados por dissidências sexogenéricas, de classe e raça possuem. Nesse sentido, pretendo argumentar que se, por um lado, a experiência na cidade aparece associada à violência sempre latente contra seus corpos, por outro, é também no espaço citadino que esses corpos encontram possibilidades de associação e vivência de suas identidades sociais.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: